

Ontem, [aqui no Blog](#), falamos sobre a falta de critérios claros de avaliação de custo efetividade para incorporar novas tecnologias na saúde suplementar. O que termina por encarecer e até mesmo comprometer a sustentabilidade do setor. Porém, obviamente, há tecnologias que podem ser empregadas para a facilitar a relação dos beneficiários com a operadora e mesmo auxiliar o paciente a ter mais cuidado com a própria saúde. É o caso, por exemplo, de aplicativos em dispositivos móveis, cada vez mais presentes no nosso dia a dia.

A lista de possibilidades é extensa. Há aplicativos para ajudar a controlar o peso, para se alimentar melhor, para lembrar de tomar remédios nas doses e horários corretos e até para engajar e integrar paciente, médico, indústria, operadoras de saúde, farmácias.

A própria ANS possui um aplicativo que disponibiliza informações como: dados das operadoras; reajuste de planos individuais e familiares; e, consulta sobre a cobertura obrigatória de acordo com o plano de saúde contratado.

Muitas operadoras de planos de saúde também possuem aplicativos para facilitar o contato com seus beneficiários, tirar dúvidas, encontrar médicos, hospitais, laboratórios e outros serviços credenciados cobertos pelo plano. Contudo, comparando o total de downloads desses aplicativos e o número de vínculos, não é difícil perceber que ainda é muito baixa a parcela de beneficiários que conhece ou utiliza esses recursos.

Todas essas funções trazem benefícios não só para o paciente, mas sim para toda a cadeia do setor de saúde suplementar, prova disso é o estudo "[Mobile Health Apps to Facilitate Self-Care: A Qualitative Study of User Experiences](#)", publicado no [13º Boletim Científico](#) com o título "Aplicativos móveis de saúde para facilitar o autocuidado: um estudo qualitativo das experiências dos usuários", que acompanhou usuários para saber até que ponto esses aplicativos são realmente eficazes em promover uma mudança comportamental e, efetivamente, auxiliar as pessoas a cuidarem melhor da própria saúde. Os resultados são positivos, como [já apontamos aqui](#).

Só falta os beneficiários descobrirem que podem contar com eles.

**Fonte:** IESS, em 01.02.2017.